

A IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO DA COMPAIXÃO EM ESTUDANTES DE ENFERMAGEM

Ellen Ami Soma¹, Gisele Santana Santos³, Maria Aparecida Xavier Moreira da Silva³,

¹Estudante do curso de Enfermagem; e-mail: ami.ellen7@gmail.com

³Enfermeira em Saúde Mental; e-mail: gisa_rose@hotmail.com

³Professora da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: maria.silva@umc.br

Área de conhecimento: Saúde Mental

Palavras-chave: Compaixão. Educação em Saúde. Assistência à saúde.

INTRODUÇÃO

Singer e Bolz (2013, p.179-279) definem compaixão como um sentimento e uma motivação que se desenvolve quando se reconhece o sofrimento de outro indivíduo e tem-se o desejo de querer aliviar tal angústia. De acordo com Goleman (2012, p. 87-88), a empatia é a base da compaixão, identificar o que o outro está sentindo irá despertar a ação compassiva. Chanes (2017, p.40-49) em sua Teoria da Empatia Reflexiva afirma que a empatia na enfermagem requer a identificação emoções e mantendo um diálogo com o paciente e, a partir disso estabelecer uma relação interpessoal empática. Diante da indagação, esta pesquisa procura investigar de que maneira a compaixão pode ser desenvolvida nos estudantes de Enfermagem, como pode ser identificada e aplicada pelo estudante, no alívio de sofrimento de pacientes, na possibilidade de alcançar a melhora do cliente nos aspectos biopsicossociais.

OBJETIVO

Analisar e descrever os efeitos da compaixão em estudantes de Enfermagem, de que modo ela é expressada e sua importância na evolução do estudante como profissional.

METODOLOGIA

Pesquisa de campo de caráter exploratório, descritivo, explicativo e qualitativo. A pesquisa foi realizada na instituição de ensino superior, no município de Mogi das Cruzes. Aplicada em 30 estudantes matriculados no curso de enfermagem, que se encontraram entre o quinto e décimo período, que atuavam em estágio supervisionado ou práticas assistenciais além de Central de Materiais e Equipamentos. A coleta de dados foi realizada após a assinatura dos voluntários em duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e posterior preenchimento do questionário semiestruturado, elaborado pela autora, contendo 25 questões abertas e fechadas, após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Os dados foram organizados por agrupamentos e analisados por categorias temáticas, de acordo com os procedimentos metodológicos de análise de conteúdo qualitativo. As categorias temáticas estabelecidas foram: A compaixão durante a formação do enfermeiro; Aspectos psicológicos dos estudantes; Percepções dos estudantes sobre a compaixão e Falta de compaixão no sistema de saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os 30 participantes da pesquisa 3 foram do gênero masculino (10%) e 27 do gênero feminino (90%). Em relação à idade, encontraram-se indivíduos entre 20 e 40 anos. Quanto à ocupação, havia estudantes (43,3%), técnicos (30%) e auxiliares (3,3%) de

enfermagem e aqueles que foram classificados como outros (23,3%). Referente às amostras, predominaram-se os alunos do 6º período do curso (43,3%), seguido pelos alunos do 10º período (33,3%). Toda a população participou ou de práticas assistenciais ou de estágio supervisionado, além de Central de Materiais e Equipamentos, o que possibilitou a maior percepção da compaixão e seus efeitos durante o atendimento, pelo fato de os alunos já possuírem o contato com pacientes. A compaixão na Enfermagem é um conceito que está presente desde os primórdios da profissão. Ela é fundamental em diversos aspectos do cuidado, como o processo de escuta ativa e formação de vínculos, cuidado humanizado, cuidado paliativo, relação interpessoal e na própria assistência de enfermagem (NUNES, 2015). Foi questionado aos alunos a maneira que a compaixão poderia colaborar com a formação do profissional de enfermagem. As respostas abrangem desde a contribuição para o trabalho em equipe, o resultado positivo no tratamento, cuidado mais humanizado, valorização do vínculo entre paciente, família e enfermeiro, até o enfrentamento do aluno quando lida com a dor do próximo. Os alunos relataram que alguns professores compartilhavam suas experiências profissionais e apontavam formas de realizar um atendimento mais humanizado, e que outros abordavam somente as práticas e técnicas de competência do enfermeiro durante as aulas. Os docentes devem aprimorar o processo de ensino-aprendizagem no contexto da prática profissional e no relacionamento interpessoal, que integram a formação ética do caráter a serem projetadas no futuro enfermeiro. Os professores funcionam como modelos para os estudantes, conduzindo-os e orientando-os, transmitem a teoria e prática para a capacitação do aluno à assistência de qualidade e criação de vínculos terapêuticos com os clientes (SANTOS; ASSIS, 2017). Quando perguntados sobre sintomas físicos e psicológicos nos últimos meses. Entre os sintomas com maior prevalência entre os 30 participantes, estão: alteração no sono e apetite (76,67%), mudança de humor (73,33%) e irritabilidade (70%). Dentre os 9 participantes da pesquisa que afirmaram apresentar o sintoma de esgotamento no trabalho, 5 deles atuam como técnicos ou auxiliares de enfermagem e somente 3 voluntários afirmaram que realizam o acompanhamento com um psicólogo ou terapeuta. O graduando pode levar esses distúrbios futuramente para o mercado de trabalho, impactando na qualidade do atendimento e podendo causar o abandono da profissão e absenteísmos. Além de interferir em sua capacidade de aprendizagem, memorização e concentração, afetando seus relacionamentos interpessoais e bem-estar (SANTOS, 2019). Nos profissionais de saúde atuantes na área, existe um fenômeno ainda pouco conhecido e estudado, denominado de fadiga por compaixão, que é o estresse resultante do ajudar ou do desejo de querer ajudar alguém em sofrimento. A fadiga por compaixão pode afetar a saúde física, psicológica e cognitiva do profissional, além da vida pessoal, social e profissional, comprometendo o atendimento prestado aos pacientes. Por outro lado, existe também a satisfação por compaixão, caracterizado pelo bem-estar no trabalho resultante do ato de ajudar alguém. Diversos fatores podem influenciar o modo como ela se expressa no profissional, como a personalidade, a educação, experiências de trabalho, qualidade de vida pessoal, entre outros (BORGES *et al*, 2019). Os alunos afirmaram que a compaixão é capaz de trazer segurança ao paciente em relação ao tratamento, permite uma melhor comunicação e estabelecimento de vínculos, além de qualificar e facilitar o atendimento, o paciente apresenta uma melhor aceitação e enfrentamento de sua condição e do tratamento proposto; além de providenciar o conforto e auxiliar na evolução clínica, diminuindo o estresse e ansiedade do paciente e refletindo em seu quadro clínico. Já o graduando 2 afirmou que somente a agilidade, julgamento crítico e o preparo são capazes de facilitar o atendimento, desconsiderando o papel da compaixão nesse quesito. A compaixão e a empatia servem de ferramentas para a formação de vínculos e confiança entre profissional e cliente, permeiam o respeito e a singularidade, e possuem como resultado o efeito terapêutico, impulsionando o sucesso do tratamento. A enfermagem centrada somente em técnicas, protocolos e burocracias exclui o indivíduo e seus anseios (ZUCHETTO *et al*, 2019). Quando perguntado sobre o que os alunos sentem quando expressam a compaixão, durante a assistência, foram relatados sentimentos de “dever cumprido”, “reconhecimento”, “carinho e

respeito do cliente e familiar”. Em relação a sentimentos negativos, 73,3% relatou não apresentar nenhum, enquanto os demais citaram tristeza, “dó”, além da situação em que o paciente começa a “ultrapassar limites, exigindo prioridades”. As profissões de caráter altruísta, como a enfermagem, são capazes de gerar prazer apesar dos aspectos negativos decorrentes da exposição ao sofrimento e à morte. O prazer gerado a partir da realização do profissional em demonstrar afeto, capacidade de ajudar e de fazer a diferença acarretam o fenômeno da Satisfação por Compaixão, que está ligada à Qualidade de Vida Profissional (BARBOSA *et al*, 2014). O modelo biomédico adotado atualmente, desde a formação até o ambiente de saúde, desconsidera aspectos emocionais e individuais dos clientes, sobressaindo-se a valorização do tecnicismo durante o atendimento. Modelo reproduzido também pela enfermagem em suas práticas, limitando as ações e trazendo prejuízos no cuidado (SILVA *et al*, 2019). A opinião dos entrevistados sobre a forma que a falta de compaixão dentro do sistema de saúde poderia afetar o atendimento relatou que poderia tornar o atendimento mecanizado, além da falta de vínculo e interação entre profissional e paciente, podendo afetar desde o atendimento até o quadro clínico e sua evolução, diminuição da satisfação do paciente, situações de descaso e possíveis complicações clínicas. Mesmo durante a formação acadêmica os estudantes encontram-se em cenários de dor, morte e sofrimento, situações que despertam emoções e sentimentos, que, no entanto, vão sendo ignorados e deixados de lado. Esse fenômeno pode ocorrer como mecanismo de fuga, por não terem suporte para lidar com tais dificuldades ou mesmo a exemplo de outros profissionais. A falta de apoio do aluno em formação em tais situações pode culminar na desumanização, pela falta de estratégias de enfrentamento e pode gerar resultados negativos no atendimento (BENEDETTO; GALLIAN, 2018). Nesse aspecto, denota-se a importância do desenvolvimento da autocompaixão pelos alunos.

CONCLUSÕES

O papel dos professores e profissionais, modelos para os estudantes de enfermagem, inclui a orientação não somente de técnicas e teorias, mas também a compreensão das subjetividades e singularidades do sujeito. A partir desse conhecimento, o aluno será capaz de desenvolver o vínculo empático e de agir compassivamente de acordo com as necessidades percebidas. Outro fator que colabora para o desenvolvimento da compaixão é o autoconhecimento, entender os próprios sentimentos capacita o aluno a entender o paciente sem que ocorra desgastes psicológicos, que o afastam do estabelecimento das relações e compromete o próprio indivíduo e a assistência prestada. Os vínculos criados, além de esboçar o ambiente de trabalho, também define a qualidade e satisfação do cliente acerca da assistência prestada, permitindo também o crescimento e realização pessoal do futuro profissional de enfermagem e a autonomia do paciente. A temática da pesquisa ainda apresenta pouco material científico, necessitando maior desenvolvimento. No entanto, o cenário atual de pandemia de COVID-19, temas como a saúde mental e inteligência emocional dos profissionais da saúde têm se tornado relevantes em diversos âmbitos sociais, onde percebe-se que a presença da compaixão possui sua relevância para o enfrentamento do profissional e para o atendimento à população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Silvânia da Cruz *et al*. A fadiga por compaixão como ameaça à qualidade de vida profissional em prestadores de serviços hospitalares. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 315-323, set. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572014000300007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 de julho de 2020.

BORGES, Elisabete Maria das Neves *et al.* Fadiga por compaixão em enfermeiros de urgência e emergência hospitalar de adultos. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 27, e3175, 2019. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692019000100360&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 de janeiro de 2020.

CHANES, Marcelo. **SAE - Descomplicada**. 1. ed. São Paulo: Guanabara Koogan, 2017.

GOLEMAN, Daniel. **O cérebro e a inteligência emocional: novas perspectivas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

NUNES, Cláudia Sofia Coelho. **A compaixão dos enfermeiros perante a criança e sua família, em cuidados paliativos**. 2015. 117 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediatria) - Escola Superior de Enfermagem do Porto, Portugal, 2015. Disponível em:

http://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/9759/1/Claudia%20Nunes_%20Disserta%c3%a7%c3%a3o.pdf. Acesso em: 14 de abril de 2020.

SANTOS, Kaline Delys dos; ASSIS, Marcio Antonio de. Fatores que contribuem para a segurança e insegurança do graduando de enfermagem durante o estágio. **Enfermagem Brasil**, v. 16, n. 1, 2017. Disponível em:

<https://portalatlanticaeditora.com.br/index.php/enfermagembrasil/article/view/898/1851>. Acesso em: 27 de março de 2020.

SANTOS, Roseli de Jesus Lopes da Luz. Estresse em acadêmicos de enfermagem: importância de identificar o agente estressor. **Braz. J. Hea. Rev.**, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 6, 1086-1094, 2019. Disponível em: <http://brjd.com.br/index.php/BJHR/article/view/1304/1183>. Acesso em: 22 de janeiro de 2020.

SILVA, Barbara Fabrícia *et al.* A implementação da sistematização da assistência de enfermagem convergindo ao exame físico. **Saberes Interdisciplinares**, v. 10, n. 20, p. 61-68, 2019. Disponível em:

<http://186.194.210.79:8090/revistas/index.php/SaberesInterdisciplinares/article/view/304>. Acesso em: 10 de julho de 2020.

SINGER, Tania; BOLZ, Matthias. **Compassion. Bridging Practice and Science**. 1. ed. Berlim: Sociedade Max Planck, 2013. Disponível em: <http://www.compassion-training.org/?page=download&lang=en>. Acesso em: 25 de setembro de 2018.

ZUCHETTO, Milena Amorin *et al.* Empatia no processo de cuidado em enfermagem sob a ótica da teoria do reconhecimento: síntese reflexiva. **Revista Cuidarte**, Colombia, v. 10, n. 3, 2019. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/jatsRepo/3595/359562712002/html/index.html>. Acesso em: 15 de maio de 2020.